Em 13/3/1929
Biblioteca Pública
ESTADO DE SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS

ASSIGNATURAS
Capital-mez-500
Avulso 600

# OASIS

SEMESTRE
Interior 3.500
Estados 4.000

Revista mensal sob a direcção de José de Diniz

ANNO I—Florianopolis—Outubro—1918—NUMERO 4
SANTA CATHARINA BRASIL

# Symphonia da Primavera

Eu bem n'a sinto! Eu bem n'a sinto! apesar das fuligens do céo mal humorado, e da ventania que me apupa, atravez das frinchas das janellas. Uma puisação vigora as alamedas, nas ascendencias inexhauriveis da seiva, rebentando em folhagens de contextura fina, por fórma que já não é ficção o caso do homem que ouvia crescer herva nos campos, visto que eu ha quinze dias oiço, no recanto de parque aonde vivo, sob uma umbella vermelha de paizagista, o borborinho da natureza que se revigora e emplumesce, n'uma d'essas orgias de côr que faziam rir o olho azul de Rousseau, e punham emoções na pallidez fatigada de Huet, o paizagista da ilha verde de Seguin.

A esta hora, por esses campos, nem vossês imaginam o que os melros dizem d'alegre, e o que as borboletas vivem de contentes. Os murmurios da agua, que pelos regatos vae, como um sangue robusto, espalhando juventudes na cultura, dizem ás velhas arvores historias d'uma suavissima poesia: e pelos ramos tufados de verdura humida, tenra, tamisada de scintillas solares, entra a repovoar-se a cidade dos ninhos, grande cidade moderna, com avenidas, concertos, *five-o'clok*, e *toilettes* de plumas, e exhibições de caudas roçagantes. Hontem me dizia na Tapada um velho pintasilgo.

E por esses pomares, entre sebes de silvados e cannaviaes, que florações sympathicas, feitas com gottinhas de nectar, e salpicos de sangue arterial!

Conhecem talvez o pilriteiro? E' um arbusto dos valados, peculiar ás regiões montanhosas do Alemtejo, que se defende com os espinhos de que se arma, e não gosta de habitar jardins. Transplantado, não produz flôr. Tem uma folhagem pequena, curta, verde retincto, mui recortada nos bordos, e agora na primavera, esbracejando sobre as barreiras, tolda os pegos com caramancheis d'uma vaporosidade incomparavel. A sua flôr é o que ha de mais mimoso, mais pequenino, mais aereo: uma joiasinha coquette, que antes dirieis insecto, pela vivacidade e esbelteza da figura. Qualquer ramito conta por milhares as florações, e dá em pleno paiz do sol a fresca sensação d'uma neve cahida em flocos, sobre cada proeminencia de haste. Quantas vezes, folheando *Madame Chrysanthème*, que Myrhach e Claudius Popelin vem d'illustrar, eu pensei n'esta esquecida floração do pilriteiro, que não figura nos albuns, nem inspira os desenhistas, e todavia resume na sua pureza, o que de mais bello possa haver, como motivo ornamental, para a illustração de livros e jornaes!

—Eu bem n'a sinto! eu bem n'a sinto! E' impossivel que certas flôres sejam filhas das grosseiras plantas de que brotam. Ha no colorido d'ellas, na delicadeza, no espirito e no perfume, umas elegancias de typo, umas aristocracias de caracter, feições por tal fórma *pur-sang*, que a idealisação artista de logo nega graus de parentesco entre flôr e planta, mau grado a evidencia das ligações estructuraes.

E' o que eu digo do grosseiro pilriteiro camponio, o dos espinhos hirsutos, que destinado a não ter filhos, provavelmente adoptou as diliciosas flôres de que se veste.

Ellas são bem singulares, na verdade! Olhando-as, por vezes, sinto que uma reminiscencia longinqua me turba, acordada não sei como, e vindo não sei d'onde, a qual se esgarça em brumas de legenda, reminiscencia d'alguem que amei n'um tempo, sob outra fórma, n'outras edades, paizes... E os olhos d'ellas parecem dizer-me, *recordas-te?* tremulos, querendo fallar... —Disse-me um dia Henri Heine, proseguindo no meu espirito esta identificação pertubadora, entre as floritas mudas, e a alma errante dos mortos que nos fôram caro—«os perfumes, meu filho, são os sentimentos das flôres. Assim como as emoções do coração são mais profundas de noite, se estamos sós e sem testemunhas, assim as flôres parecem esperar que escureça, para no espaço exhalarem seus perfumes, almas nostalgicas de noivas! n'uma phantastica ronda de divagações, emotivaes.» Porque, seriamente, nós volvemos de novo á flôr d'esta sagrada terra que nos devora, uma vez, muitas vezes, em regiões varias, climas varios, e disfarçados consoante o humorismo da chimica que nos manipula.

Hão-de ter reparado que certas coisas teem physionomias humanas conhecidas de nós, o traço d'alguem que amámos, d'uma pessoa que nos impressionou em tal parte, ou por um qualquer detalhe, pequenino que fôsse. A's vezes é uma nuvem que por entre uns esboços de cara, guarda momentos o doce sorriso de nossa irmã. A's vezes é uma flôr, a do pilriteiro, que tem no desenho do calice o modelo fragil da pobre creaturinha loira que morreu tisica, ao escrever-nos a primeira carta.

Na agitação das populaças que respiram alto, pela noite, entre as flambagens do gaz, nos gemidos que os arvoredos soltam, azorragados do nordeste, ou quanto a vaga regouga, espadanando contra os granitos da riba, a mesma evocação mysteriosa, confusa, mal sonhada, nos surprehende, de vózes que já antes tinhamos ouvido, e agora parecem despertar dentro de nós saudades d'idyllios extinctos, e de felicidades mortas em plena adolescencia.

Pois estas analogias tão nebulosamente poeticas, este ar de familia que as coisas brutas conservam das coisas vivas, não as pensem casuaes ou phantasiosas: está provado que resultam d'uma ascendencia logicamente propulsionada, com sua biographia, sua evolução, caracteres herdados, e mais ainda, vicios transmittidos. Nobres e antigas linhagens, esquecidas entre os homens, occupam cargos eminentes no reino vegetal, ou são pedras preciosas entre os mineiros contemporaneos. Assim, que poeta não sabe de flôres que se aproveitam do beijo que lhes damos, para nos dizerem de manso, aquelle segredo que a nossa amante levára para a cova, e só ella sabia, ella sómente... Argumentam d'ahi: a susceptibilidade requintada, que faz certas mulheres terem syncopes, aspirando o perfume de flôres, é um caso vulgar de hystero-arte. Historia!... são as almas dos amantes mortos, dos maridos, dos filhos, que volvem nas flôres, mordidas de ciumes, esfaceladas de saudade, occultas sempre na evolução mais aromatica das nectareas, e annos e annos errantes primeiro que se lhes depare quem procuram, e que um dia, subitamente, quando as pobres mulheres vão mergulhar a narina na urna d'uma gardenia, lhes ciciam de dentro: sou eu, não tenhas medo, eis-nos de novo, juntos, outra vez!

D'uma occasião, sósinho no meu quarto, eu considerava uma rosa branca que emmurchecia n'um copo, tão triste! Disse-lhe assim: tu soffres! Ella curvou-se mais sobre a haste, acquiescendo, e vi-lhe duas lagrimas nas petalas. Nunca pude saber quem fôsse esta mulher.

—Eu bem n'a sinto! eu bem n'a sinto!

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

E os dias lucidos vão inundar de tonalidades esses sub-solos de florestas perdidas nos fundos bucolicos da provincia. Uma virgindade cerra as espessuras, e immacula as sombras das arvores, cuja cupula, por cima, estrélla o azul impeccabilissimo do céo. E pelas ramas que se engalfinham, se enlaçam, procuram, fremitos d'azas, n'um mysterio de nupcias. Nenhum canto de natureza infecundo! o mesmo amor que sobe da terra, revigorentar os arvoredos, communica-se aos ninhos, cinge os casaes de passaros, extravasa no ar como uma nafta de bodas biblicas, e communica-se, aspira-se, vae-se infiltrando em todo a parte.—Eu bem n'a sinto! Eu bem n'a sinto! Que bella a alegria sob os castanheiros d'um parque, no coração da vida rustica, pelo braço da franzina *miss* com quem aos vinte annos se sonha, alta, musical, com maravilhas patricias de mãos... As aguas, murmurantes por essas ravinas e barrancos; nas grandes relvas picadas da vivacidade das corollas, as calhandras fartas agacham-se para dormir, ao fundo a cordilheira distante, idealisada, iscorporea, é como uma nuvem rarafeita que se apaga.—Eu bem n'a sinto! eu bem n'a sinto! E apoiada sem peso ao nosso braço, a creatura vae vaporosamente, no silencio d'uma ventura profunda, d'olhos descidos, o rosto fino, e bons dias a esta arvore e áquell'outra, uma palestra sem fim com os carvalhos e velhos olmos.

Porque é necessario renovar os cultos pagãos da natureza, resuscitar as festas rusticas e os deuses symbolicos, os evohéos, as legendas, fazendo outra vez brotar anões dos rochedos, elfos das troncagens vetustas, e *nixes* dos tranquillos pégos das ribeiras. Se eu tivesse uma filha, ensinar-lhe-hia a ouvir a missa das florestas, e a pedir a benção ás arvores, como a velhos vovós.

A nossa religião tem pouco sol. E' a impressão do mallarmista Christian Cherfils, na *Cathédrale*.

**Par d'informes taudis qui profanent le sol,**
**La cathédrale semble enchainée et murée:**
**Notre âme essaie en vain de prendre au ciel son vol,**
**Par l' étreinte du corps meurtrie et torturée.**

**La cathédrale semble enchainée et murrée;**
**A peine si l'on peut l'admirer á vingt pas;**
**Par l'étreinte du corps meurtrie et torturée,**
**L'âme voudrait monter plus haut et ne peut pas.**

**A peine si l'on peut l'admirer á vingt pas;**
**L'eblouissement fait trembler notre paupière:**
**L'âme voudrait monter plus haut et ne peut pas,**
**A voir emprisonné le colosse de pierre!**

Por toda ella se grita: faz penitencia! O menor goso é peccado mortal. Quem muda a roupa branca não vae para o céo. E essa tragedia do Calvario, mesmo na Graça, horrorisa as creanças, e inspira o desgosto da existencia.

A nossa vida moderna, reclama uma religião mais alegre e contemporanea dos nossos ligeiros costumes que nos divirta, como uma opera, e faça triumphantes, mithologias aladas, mais animalidade e mais seiva, desde a fórma expansiva do ephebo bebedo, té aos grandes festins flamengos do Olympo—religião parallela á litteratura, como fórma d'arte que é, irmã da pintura e da musica, em que palpite alguma coisa de nós mesmos, seio ou canção, realidade ou sonho.

Henri Heine refere na *Allemanha*, que os deuses da antiga Hellade, expulsos dos templos em ruinas, erram pelo mundo em humildes mestéres, a ponto d'uns naufragos terem encontrado n'um ilheu da Noruega, a Jupiter Tonante, o grande Jupiter! tropego e decrepito, fallando ainda o grego de Homero, entre a cabrinha Amalthea, e a aguia desplumada, que dava gritos de frio. E agora oiçam. Se nós rescindissemos a escriptura ao Crucificado, e outra vez repovoassemos as florestas com a *troupe* pagã da Grecia antiga?...

**Fialho d'Almeida.**

# Chronica já lida...

(*Para os meus companheiros de redacção.*)

Tarde tepida, bemfazeja, depois de um dia muito quente, d'um sól magestoso...

O lindo *square* da Praça Quinze estivéra a tresbordar. Uma grande alegria. Muita elegancia discréta...

Faz uma hora d'emoções rapidas, indeleveis, posto confusas, de tantas e tão varias. Num certo instante tenho a impressão de uma revista literaria: os *Homens de Letras* transitam, aos pares, aos ternos, aos magottes. E' uma demonstração de força, ás direitas. Oxalá a perfidia d'algum cabotino os não tresmalhe...

Caminha á distancia, quasi aos pulinhos, Ivo d' Aquino. Tem o ar cançado de leitor do *Mahabharata*. Dir-se-á que philosopha, esquecido da graça que o cerca. Presinto um reboliço na soldadesca: Jóe Collaço avisinha-se, refulgindo ao doce sabor da sua triplice immortalidade. Mais adeante, Altino Flores morde, nervoso, uma *cigarrette*. Sorri agilmente. Quem lhe teria dado aquelle aspécto d'ironia amavel? Anatole, por certo. Muito subtil, mal-tocando os pés n'areia. João Crespo crusa a grande alea. E, bem perto de mim, Barreiros Filho tem um sorriso tranquillo...

Passam, incessantemente, lindas creaturas, que me levam a pensar, vagamente, em versos antigos, estrophes lyricas, odes anachreonticas, balladas, endéxas...

Bem junto a este lugar em que fiquei, ha um grupo graciosissimo. Moças bonitas, espirituosas. Uma d'ellas, esplendor de nobresa feminil, parece dizer-me, com os seus olhos vivos, o interesse que lhes causam estas chronicas. (Aliás, a unica pessoa que lhes não dá valor nenhum sou eu). Estou, vai, não vai, para indagar-lhe o motivo por que se vale de meninos beócios, para saber noticias de mim e das minhas póbres letras... Antegóso, porém, a sua breve e fascinante lisonja, desmentindo a garótice da allusão que se lhe fizéra. (Digo garótice no sentido menos metaphysico que se póssa imaginar).

O bando encantador parte. Os risinhos, as vózes gorgeiantes, a limpida alegria que o envolve!

Agora, irresistivelmente, trauteio a valsa frivola, cujos rythmos despertadores me enchem os ouvidos. E' como se passasse no ar a caricia palpitante de uma revoada de beijos e promessas coruscantes...

Uma onda de typos variegados entôpe as passagens. Eu fórço uma brécha. Estou caminho da rua... Deixo a multidão. Escurece. Desço para o Café Natal. Tomarei uma *water-soda*.

... Longe, diviso a garrida e estupefaciente figura d'um *homme du monde*. Vem-me ao cérebro a lembrança de umas gravuras de revistas facétas á maneira de John Bull. Lembro-me, tambem, de dous figurinos imbecis de Eça, o Damaso de Salcede e o Eusébiosinho. Mas, não é nem um, nem outro. Haverá uma dupla similhança. A peralvilhice atoleimada do Salcede engastoar-se-ia, á maravilha, no fragil e enganido corpo do Zébiosinho...

A figura approxima-se. Vejo-a mais de fronte. Traz umas calças, um casebeque, uns botins, de canno brunete, que estariam primorosamente no Damaso. O résto, o feitio apagado, brundúsio, olhar esfumaçado, tem a marca nosthalgica do Eusébiosinho.

Fazem-lhe salamaleques. Cumprimentam-o...

E' o gentil publicista Cidônio.

—Um ar meio estragado...

—E' muito moço ainda. Excessivamente culto e habil.

—Nóto que prefére sorrir...

—Fala para dentro, de tão discréto... Mas, escreve para fóra porque aqui não o entenderiam. A sua *linguagem* é d'elle só, um immenso quê de *novidade*...

—Grande nome, pois não?

—Magnifico. Sobretude, depois de uma certa comedia, ou cousa que se lhe pareça. A sua obra é escripta, segundo os entedidos, em provençal. (Este idioma é, mais ou menos, aparentado com o português). D'ahi, com certeza, alguns ignorantes dizerem ser nenhum o seu trato com o Camões e o Garrett...

Realmente, uma curiosidade brilhante, para uma terra sáfara em casos dessa igualha. Interésso-me devéras. Fito-o bem. E' espigado, inflexuoso. Nenhum traço lugareiro. Definitivamente exotico.

Ouço-lhe a vóz. Antes, advinho-a.

—E' o que lhe digo: armorial... Estou estudando a feição que deva dar-lhe. Alguns amigos têm-me aconselhado um *campo* verde-cypréste,

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

uma cobra coral (um coral puxando abóbora), a enroscar-se, cabecinha no ar, latejando; por baixo, duas simples palavras, em inglês, que digam tudo...: *Ambition, Probity*. A duvida está nas palavras. Quanto á lingua não resta duvida, prefiro... As palavras, porém... Talvez, soassem melhor...: *Cleverness... Talent...* Sim, a habilidade e o talento falam com outra eloquencia...

Ficou pasmo. Emfim, o mundo é tal como Deus o quér. Eu por mim, que não sou viajado, e tenho o direito de enganar-me, viria nos typos gentis, como o publicista Cidônio, um daquelles automatos angulósos e hirtos (*swells*) de *Hyde Park*, de que despresativamente fala o auctor illustre da *Inglaterra de Hoje*.

A figura de Cidônio desapparecera. As aleas do lindo *square* esvasiam-se. A multidão dispérsa. Entro á porta do Café. Já o ar se enche de novos sons: eu ouço as nótas jocósas de um dobrado. Ha assovios de garotagem, gritinhos de alegria rueira...

Vou tomar a *water-soda*.

JOSÉ DE DINIZ.

## Canção dos escoteiros lagunenses

Laguna é uma cidade heraldica — terra de heroismo, seu lindo brazão lembra as batalhas e o amor, as singraduras audazes do intrépido *Seival* e a paixão de Annita.

Seus filhos vivem dessas evocações, desse sonho: olhos voltados para aquelle mar fervente, que se contórce em suas praias brancas e na barra estreita de um formoso porto, resuscitam na imaginação os episódios do grande drama heroico, desenrolado, decénnios faz, naquellas mesmas aguas, naquellas praias alvas...

Caldeados assim, nessa pura reviviscência de horas guerreiras, os lagunense fizéram-se patriotas vigilantes, léstos defensores do sólo amado.

Quem visite, hoje, essa adoravel terra do sul verá, em seus jovens soldados atiradores, em seus magnificos escoteiros, a salutar crystallisação daquelle sonho glorioso de que tudo e todos alli andam impregnados.

Os escoteiros... Cem? Duzentos? Não sabemos ao certo, mas, em verdade, quantos sejam optimos todos serão.

*Nós somos os escoteiros,*
*Bons brasileiros,*
*entre os primeiros!*

Elles têm esse orgulho.

Sua canção, a que o auctôr— esse modesto e illustre Alvaro Carneiro—adaptou musica vibrante de clarinadas e ruflos valentes, é toda ella essa mesma vóz de animo viril.

Ninguem a ouviu que não sentisse o ardente desejo de cantal-a.

No Rio, um filho desta terra cujo coração vive tão cheio das saudades que a Laguna sempre lhe deu o escriptôr Diniz Junior introduziu-a nas escolas publicas: em todas as casas d'ensino primario do Districto Federal canta-se, actualmente, a canção dos escoteiros da Laguna.

Não fôsse elle um singular e heroico appello, acordando, em toda as almas jovens, o mais nóbre e pujante amor pelo Brasil!

## Eduardo Dias

No dia 4 do actual, realisa-se no theatro Alvaro de Carvalho, o beneficio de Eduardo Dias, o talentoso e modesto pintor catharinense.

A festa em homenagem do querido pintor, vai ser, como anciosamente espera-se, magnifica, deslumbrante.

E' com o maximo prazer que trasladamos para as nossas columnas, um appello acertado e justo, publicado no nosso distincto collega *O Dia*, assignado *Alguns operarios*:

"Approxima-se o dia do festival á este artista conterraneo. Julgamos de opportunidade fazer um appello, principalmente, ás classes operarias para, num rasgo de solidariedade concorrerem na medida de suas forças, para levar ao beneficiado, o recurso de que è merecedor, correspondendo, tambem, aos esforços da commissão promotora deste festival.

E' tempo de irmos-nos interessando seriamente pelo que nos pertence, approveitando os nossos homens— catharinenses—que pelo seu saber, em qualquer ramo da vida possam se desempenhar da missão que lhes fôr confiada.

Ahi fica o appello aos nossos collegas de classe."

*Oasis* felicita antecipadamente a Eduardo Dias.

D'um desconhecido que nem a si mesmo se conhecia: «Quando uma amiga disser a outra que o chapéo ou o vestido lhe fica bem... é tratar logo d'adquirir outro».

## Oscar Rosas

E' dos mais bellos nomes literarios de nossa terra. Pertencendo a uma geração de idealistas, que se fez notavel no Brasil inteiro, foi dos expoentes mais altos dessa geração. Eram seus companheiros Cruz e Sousa, Virgilio Varzea, Alvaro de Carvalho, Araújo Figueiredo, Santos Lostada e Carlos de Faria. Desses, Virgilio, Cruz e Araújo seguiram-no para o Rio, sequiosos de gloria. Araújo voltou lógo, assustado daquella terra *sem pão nem fonte marulhosa*: não supportára a terrivel luta. Virgilio e Cruz affrontaram tudo, ficaram e venceram. Oscar permaneceu, tambem. Escreveu, então, contos lindissimos, versos bizarros, que lhe asseguraram renome invejavel. São daquella época—e não esquecer que esses catharinenses encabeçaram uma grande revolução literaria – o *Tysico*, o *Vampa* e *A Feia*, paginas que honrariam qualquer instante artistico em qualquer país.

Mais tarde, Oscar Rosas fez parte de algumas emprêsas jornalisticas: já não era o escriptôr combatente, o poéta das longas madrugadas bohemias, mas o dono de jornal, preoccupado com as rendas de sua folha. Deixou de apparecer na primeira plana dos poétas e prosadores. Quebrára a penna? Não, fugira á publicidade. Seus intimos sabem, entretanto, dos magnificos versos que continuou a fazer e dos bellos contos que burilou ainda, entre estes os *Quéroquéros*, impressões e scenas das *Campinas*, contadas nos móldes seductôres de Villiers de Lisle– Adam.

Ultimamente, a *Revista da Semana* inserira alguns de seus derradeiros versos. Por estes, reconhéce-se o artista dos tempos do *Tysico* e do *Vampa*. Oscar é o mesmo cantor, o mesmo burilador invejavel.

Santa Catharina reconquista-o, agora, por muito tempo. Trouxe-o a mão de Mecenas de Hercilio Luz, o illustre catharinense, aquem vão ficar entregues os destinos de nossa terra.

Actualmente a maior parte dos livros parece que foram feitos num dia, com livros lidos na vespera.

De La Buisse: «Não te fies n'uma mulher distrahida: é um lynce que está observando».

A honra adquirida è caução da que se deve adquirir.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

## OLEGARIO MARIANNO

*Oasis*, fiél ao seu programma, offerece ao publico, que a lê, o que de melhor se escreve em Santa Catharina. E' cousa que todos reconhecem. Mas, não quiz ficar ahi, desejou mais um pouco: estabelecer uma *entente* com os grandes nomes da literatura brasileira. E' um de seus intuitos, podendo proporcionar, pela primeira vez, aos catharinenses a leitura de uma publicação nossa, com a collaboração original dos melhores escriptôres patricios.

Olegario Marianno, auctôr das *Ultimas Cigarras* e da *Agua Corrente*, é dos mais festejados nomes actuaes. Seus livros causam sempre o maior interesse, representam um acontecimento para as bôas-letras. Dos poétas da nova geração é o mais pessoal e o mais querido. Trazendo-o ao ról de seus collaboradores, *Oasis* fez uma conquista que muito a envaidéce. E' um aureo começo de sua nova phase...

Porque é que eu sendo bom, sincero e leal,
Vivendo sem hostilisar ninguem,
Escuto tantas vezes dizer mal
De mim, quando dos mais só digo bem?

Aos homens que me odeiam, com a certeza
De me acabar com a ultima illusão,
Tenho um sorriso amargo de trixteza
E um gésto de piedade e de perdão.

**OLEGARIO MARIANNO**

## Dolor!

*Balthasar Tavora*, filho do romancista eminente que chefiou a grande reacção literaria, de que resultou a *Literatura do Norte*, revéla-se um distincto poéta, festejado nas ródas literarias do Rio, lido nos salões elegantes. Seu genero predilecto e em que todos mais o estimam é a redondilha e elle as faz deliciosas, quaes as que temos lido na *Revista da Semana* e no *Fon-Fon*. Seus sonetos são, entretanto, dos mais perfeitos. *Oasis* conta, agora, esse brilhante escriptôr entre seus collaboradores. Recebe-o com seus melhores saudares e agradecimentos.

Céo, lindo céo distante, onde palpita
serena luz de seducções, aquellas!...
tambem tú soffres... minha dôr te agita!
choras, tambem, o pranto das estrellas...

Tranquillo mar, ao som de estranha grita
tredo abysmo das aguas encapellas...
e o verde seio teu, raiva infinita,
sacóde, então, ao sôpro das procellas!...

E' tudo assim... Na lei do soffrimento,
a grande lei fatal da desventura,
allivio, paz, um caprichoso intento...

E, para Deus a tua fronte erguida,
recébe a dôr, a dôr que nos apura...
crysól dos corações, a dôr é vida!

*Rio-1918.*

**BALTHASAR TAVORA**

## Torneio

"Uma flôr! dissera-lhe o noivo, será o arauto perfumado da minha victoria! o conto da minha lança, o tristissimo mensageiro da minha morte!"

Por isso ella estava alli, tanto tempo já, com os olhos perdidos longe, na curva longinqua do caminho.

A paysagem, hirta e nua, lembrava seres moribundos. Do céu, em flocos silenciosos a neve cahia lenta, lentamente...

Uma tristeza infinita pairava em tudo. Sómente no ar cinzento os corvos abriam as azas negras, crocitando, nuns vôos tragicos e demorados. Toda aquella expressão da natureza morta transfundia-se na alma da princezinha, ha tanto tempo debruçada ao poial da janella em ogiva, olhando a curva distante do caminho por onde deveria apparecer o mensageiro do seu noivo.

Uma vaga desesperança tornava-lhe o rythmo do coração cançado, criando perspectivas dolorosas no seu pensamento.

No emtanto, aquelle que a deveria conduzir ao thalamo nupcial era forte e victorias sem conta colhera em fréos recontros e torneios de vida e morte. A sua lança jámais se abaixára servil e vencida... Mil vezes despedaçára as armaduras dos inimigos transpassára o coração da gente moura e infiel! e ella começou a recordar os feitos heroicos do seu noivo, em vale e monte. E recordou o cerco do castello do forte senhor de Aguia Negra, quando o seu amado, de vizeira erguida sob uma chuva impiedosa de virotes e balas de fundo, em honra d'ella, escalára quasi só o solar assediado. E embrenhou-se nessas recordações de sangue e heroismo, sentindo volver de novo ao coração a alegria e a esperança.

Já as velas se accendiam nos alampadarios prateados do castello e a ponte levadiça fôra erguida, quando o som de uma trompa de guerra se fez ouvir longe, no silencio algido do crepusculo...

Mas o som era triste, arrastado, desesperado como um grande lamento.

Ella comprehendera tudo... O conto da lança...

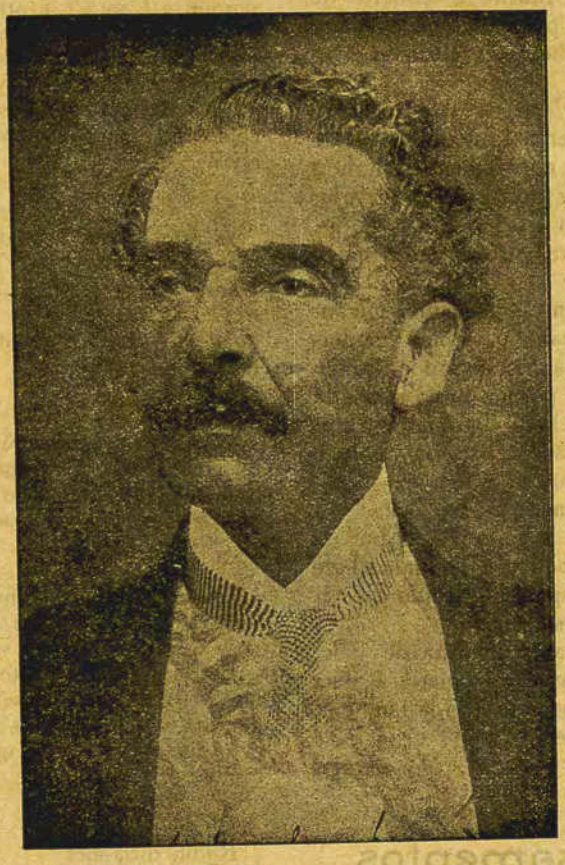
E ficou hirta, muda, d'olhos pregados no arauto que se approximava...

Vinha anoitecendo lentamente...

*Manuel da Nobrega*

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

# General Pinheiro Machado



Fez tres annos no dia 8 de Setembro passado que, na Capital da Republica, foi assassinado covardemente pelas costas, o saudoso e grande republicano General Pinheiro Machado.

Faz tres annos que um braço miseravel roubou à Republica, o seu mais forte e mais valente defensor.

Pinheiro Machado morreu mas, a sua recordação, a sua memoria, vive ainda palpitante nos corações de todos os brasileiros que amam o Brasil.

"A ultima phrase varonil: — APUNHALARAM-ME... CANALHA! — vinculou por todo o sempre a face de cada um dos miseraveis que o mandaram matar".

*Solfieri de Albuquerque.*

Trasladamos para as nossas columnas, com uma saudade immensa, uma parte do ultimo discurso pronunciado por S. Ex. em 17 de Julho de 1915 respondendo ao orador do Centro Academico Republicano "Pinheiro Machado", no Rio, por occasião da grande manifestação que aquelle centro promoveu ao Grande Morto.

## Prophecia dolorosa

"E' possivel que, durante a convulsão que nesta hora sacode a Republica, em seus fundamentos, possamos submergir. E' possivel mesmo que o braço assassino, impellido pela eloquencia delirante das ruas, nos possa attingir. Affirmamos, porém, aos nossos correligionarios que, se esse momento chegar, saberemos ser dignos da sua confiança. (Muito bem.) Tombaremos na arena, fitando a imagem da Patria, serenamente, sem maldições nem desprezo, sentindo tão sómente compaixão para com aquelle que assim avilta a nobreza innata do brazileiro. (Muito bem; salvas prolongadas.)

Não occultaremos, como Cesar, a face com a toga, e, de frente, olharemos fito a treda e ignobil figura do bandido, do sicario. (Muito bem; sensação.)"

*Oasis* presta, assim, uma pallida homenagem a saudade immortal de Pinheiro Machado.

## Uns labios...

Os poetas, quando celebram a belleza das suas namoradas, falam, geralmente, dos olhos, da bocca, dos cabellos, do nariz, dos braços, das mãos, do busto, dos pés... Ha mulheres, entretanto, que resumem toda a sua formosura na graça do gesto, que póde ser, ás vezes, um simples movimento dos labios.

Eu vi uma senhora, hontem, cuja bocca, mesmo quando silenciosa, é mais eloquente do que todas as palavras dos sabios. A' distancia em que me encontrava, eu não lhe ouvi uma phrase, um vocabulo, ou sequer, a musica discreta de um riso. Era tão expressivo, porém o seu sorrir, e tão eloquente a mobilidade dos seus labios inquietos, que eu me dispensei o trabalho de approximar-me para ouvir-lhe a palestra encantadora.

Esses momentos de observação suggeriram-me estas perguntas, que eu fiz, de mim para mim:

— "Não seria possivel uma nova arte, uma nova expressão de sentimentos e de belleza, pela mobilidade da physionomia? Não se exprimem, já, tantas paysagens interiores com a gesticulação rythmica dos bailados? O silencio das attitudes não interpretam, porventura, emoções secretas e delicadissimas que nós percebemos, ás vezes, no flagrante do cinema e na immobilidade das estatuas. Por que pois, não tentar a exploração desse veio de onde jórre, viva e limpida, uma nova agua miraculosa que nos mate a sêde do espirito?"

Houvesse, já, essa modalidade de arte, o aproveitamento artistico dessa eloquencia das linhas physionomicas, e essa linda creatura, que eu hontem vi, seria, sem duvida, uma admiravel interprete das harmonias do coração, com a sua bocca maravilhosa, em que as emoções brincam, e passam, como as brisas passam, á tarde, embolando o ultimo sonho das rosas...

**X.X.**

A alma, assim como o corpo, toma pelo exercicio os habitos que lhe queiramos impôr.

*Socrates*

O sorriso chama o sorriso. Para ser feliz, é preciso fazer primeiro os gestos da felicidade.

*Remy Gourmont*

De Marianne: «Tanto cega o amor como o odio.»

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

## Através dos salões

(*Para Marquez de Diniz*)

Quem atravéz do mundo objectivo, em estranhas sensações, aurifrue, deliciosamente, em convulsivo deslizar, os prazeres todos da dança, hade certamente glorificar de um modo unisono todo o revolto cortejo de seios palpitantes que, no estuar homogeneo, representam a satisfação integral de uma alegria verdadeira.

Dançar e ter frisantemente a idéa real de que a *danseuse* fremente, no enleio amoroso de braços seguindo o rythmo harmonico dos instrumentos, diz-nos, entre um sorriso e um olhar, cousas infinitas e encantadoras, é melhor do que vivermos eternamente num Olympo, entre essas vaporosas divindades do Mytho ou sugando em taços baccarat o sublime e estonteante hydromel...

Nol-o disse Herbert Spencer que as inflexões da linguagem primitiva das paixões humanas deram nascimento á musica, fazendo com que Darwin acreditasse, por isso, que os sons musicaes e a cadencia foram adquiridos por uma questão atavica para a seducção do nosso sexo.

De qualquer maneira, não o sabemos bem, mas quando se divisa nos salões de *causerie* e dança almas femininas de adolescentes suavemente tristes, dessas que segredam á alma a influencia do jubilo, faz-nos acreditar, sentir, que a graça ambiente se esváe pulverisase, se anniquilla...

Torna-se inadmissivel, illogico, que á luz flavescente dos candelabros jorrantes de alacridade, essa frescura enervante desses logares quasi divinisados e onde os olhares se cruzam sob as bençãos de Terpsychoré em delicioram collisão, vá o létricismo turbar em mórbidas nuances o brilho justo do *décor*, prenhe de sonhos, de phantasias, palpitantes de illusões...

Isto é uma affirmação realista que se constata quando se quizer.

Virá o *spleen* e com elle o clubismo, a vida intima da hypochrisia avassaladora; veio a alegria e e com ella a dança " a alma dos sons realisados..."

Ha por aqui ainda o pieguismo de um rotineiro aburguezamento. Os *clubmen* inda sentem enlevos com as cadencias archaicas de umas tantas walsas e quejandos..

*
* *

Florianopolis sente, - negal-o ? - o prazer do que se foi *ricordare*...

Mas isso pode ceder logar as innovações que o progresso obriga.

Ahi estão victoriosos e insubstituiveis o *rag time*, o *one stepp*, o heraldico tango Argentino. O modernismo illustre e coberto de chronicas; o progresso com meneios illustres tambem e vestido a *schirip doen !*

S. S. o Papa fez dançar, entre olhar indifferente do Appollo de Belvedeu e da Vénus de Medicis e os olhares frementes de varias eminencias a *Furlana*. Não poderam saber o "gosto que o tango tem..."

E, se, no mysterio communicativo do Vaticano o rythmo moderno das dansas penetrou e, *chi lo sa ?* venceu, porque nesta raffinada cidade tão cheia de renascimentos victoriosos não se poderia tambem fazer arraigar as adoraveis vibrações das danças modernas ?

A walsa, a mazurka, o par de quatre, são pedaços de uma idade que se despediu. Ainda faz vibrar corações... avós.

Numa geração soberba de vida, como a nossa, a velharia é uma traição, o progresso é vida tambem, vivamos nelle !

*D' Araujo*

## Pensamentos de Isadora Duncan

Uma pessoa que conviveu assaz com a grande Artista guardou alguns dos seus pensamentos. Isadora vive dentro da Arte e o seu genio tem quasi a revelação das annotações de Da Vince.

Ella pensa em publicar um livro. Com certeza não o publicará nunca.

Vale a pena saber alguns dos seus pensamentoe. Eil-os:

*

Dizem que a dor redime; que a dor é um crisol. A dor é uma terrivel destruição. Destroe a alma, destroe o physico, torna as creaturas em catastrophes vivas.

*

Não ha maior sensualidade que a de ser mãe. E' a floração, a frutificação do amor. Sem o filho, que é o amor na illusão da vida? O que não existe. A mulher deve querer o filho como as arvores que florescem querem dar fructo.

*

Uma casa com creanças é sagrada. E' como um templo.

As mulheres que nunca tiveram filhos são ainda mais infelizes que as que os perderam. E, entretanto, a dor de perder um filho é como se nos amputassem para sempre os braços...

*

Toda a Arte emana da Dansa, porque a Dansa é a arte basica que assenta insensivelmente na mathematica. Alguns musicos dos que não amaram a dansa escreveram sob a influencia do rythmo dos gestos. Ha compositor mais geometrico que Mosart?

*

A arte voltará á unidade das tres musas: a Musica, a Tragedia e a Dansa—o pensamento sensivel nas tres expressões da voz, do sonho e do gesto. Então o theatro será um templo.

*

Só a Arte existe. A vida deve ser guiada pela Arte para se comprehender um pouco no tempo breve.

*

Quando oúço um compositor dizer que vae fazer uma opera, tenho vontade de aconselhal-o a suicidar-se.

Sacrifica sempre a arte á vida. A arte é terrivel e não consente que a esqueçam. Despedaça-nos a felicidade. E é por pouco tempo que a sacrificamos.

*

Rodin dizia-me:

—Trabalhei a vida inteira, e só agora que sou velho e que descubro a possibilidade de chegar um dia á expressão do meu sonho.

Por que não seremos como esses artistas do Renascimento, cujo fim era o momento? Eu penso que só farei o gesto perfeito, que só terei realisado o meu sonho quando já não for possivel dansar...

*

A gloria è um fardo. Vemos, mais que os outros, que somos sempre os mesmos. Um dia cortei os cabellos pensando que podia parecer outra. Mesmo se cortasse os labios seria sempre a mesma.

*

Ser feliz quatro semanas a seguir! E' tão difficil, que a felicidade está em conseguir essas quatro semanas—a seguir felizes...

Não ha isolamento para o que sabe tomar o seu lugar na harmonia universal, e abrir a sua alma a todas as impressões dessa harmonia.

*-Maurice de Guèrin*

A felicidade è como a luz das estrellas; só nos attinge depois que passou...

*Felippe D' Oliveira*

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

## Primavera

Ah! quem nos dêra que isto, como outr'ora,
Inda nos commovesse! Ah! quem nos dêra
Que inda juntos pudessemos agora
Ver o desabrochar da primavera!

Sahiamos com os passaros e a aurora.
E, no chão, sobre os troncos cheios de hera,
Sentavas-te sor indo, de hora em hora:
« Beijemo-nos! amemo-nos! espera! »

E esse corpo de rosa rescendia,
E aos meus beijos de fogo palpitava,
Alquebrado de amor e de cançaço...

A alma da terra gorgeiava e ria...
Nascia a primavera... E eu te levava,
Primavera de carne, pelo braço!

*Olavo Bilac.*

## A primavera

Aurea sazão! No ardor do sol que em ti fulgura
Ha toda a inspiração do sonho e da quimera;
O amor abre a sorrir um manto azul na altura
E o iris da iluzão nas aguas reverbera.

E' esperança o matiz que espalhas na verdura,
Teu vigor cria a seiva e o genio retempera
E esse arrulo nupcial que nos ninhos murmura
E' teu fogo aquecendo a Vida, ó Primavera!...

Singram para o alto mar as naves da Conquista,
Venus, ao decorrer teu signo, resplandece
E a tarde envolve o poente em veus de oiro e ametista...

As estrelas, movendo os cilios, riem no espaço...
E entre as nuvens o Ideal, cor de sangue, aparece
Como um farol vermelho em refletores de aço.

*José Oiticica.*

## Alma em Flor

Que ancia de amar! E tudo a amar me ensina;
A fecunda licção decoro attento,
Já com liames de fogo ao pensamento,
Incoercivel desejo ata e domina.

Em vão procuro espairecer ao vento
Olhando o cèo, os morros, a campina.
Escalda-me a cabeça e desatina;
Bate-me o coração como em tormento.

E à noite, ai! como em mal soffreado anceio,
Por ella, a fórma inda mysteriosa,
E que não sei quem seja, afflicto chamo!

E sorrindo-me, ardente e vaporosa
Sinto-a vir (vem em sonho). Une-me ao seio,
Junta o rosto ao meu rosto e diz-me. Eu te amo!

*Alberto Oliveira*

## Saudade

*Das que morreram.*

Caminheira infeliz de alamêdas sombrias
Do marmoreo brancor dos sepulchros vestida,
E's tu que avivas, calma, esta eterna ferida
Que nos deixa a que vae para as Terras vasias.

Para a Suprema Dor que entre as lapides frias,
De tristeza em tristeza, anda exhausta e perdida,
E's a Sombra espectral do que foram na vida
Esperança, Illusões, Mocidade, Alegrias.

Ha no teu lindo Olhar extatico e sindereo,
A ancia de ver surgir para a terra ampla e lisa,
Tudo o que jaz além deste Campo funereo.

E's o Supremo Bem, feito o Supremo Mal,
Que suffoca a Ventura e que a Dor eternisa
No impassivel Pavor de uma Vida immortal.

*Mario Pederneiras.*

## Num volume de Musset

Lê. Mas lê com vagar. A estrofe comovida
é a torrente veloz que o artista mal subjuga:
ora, crespa, referve; ora é um cristal sem ruga;
sempre á comtemplação e ao sonho nos convida.

Não busques o lavôr que a emoção, flama erguida,
a uma vã rigidez das expressões conjuga:
é a torrente, é o rolar da agua liberta, em fuga,
espelhando, a tremer, as paisagens da Vida.

Voga! Não ha temer nem remoinho nem frágua.
Olha là dentro o céu de perola e turqueza!
Olha as nuvens do azul vagando dentro da agua!

Olha as ribas em flôr! E o salgueiral tristonho!
E a colina! Aqui tens em verdade e em beleza,
No infinito da Vida a imensidão do Sonho!

*Amadeu Amaral.*

## A nudez da Verdade

Núa, mais núa ainda, á suggestão da gaze
diaphana, com que a exalça a visão da arte, ardia,
branca, em marmore, exposta à analyse do Dia,
a Verdade, animada em pedra, viva quasi.

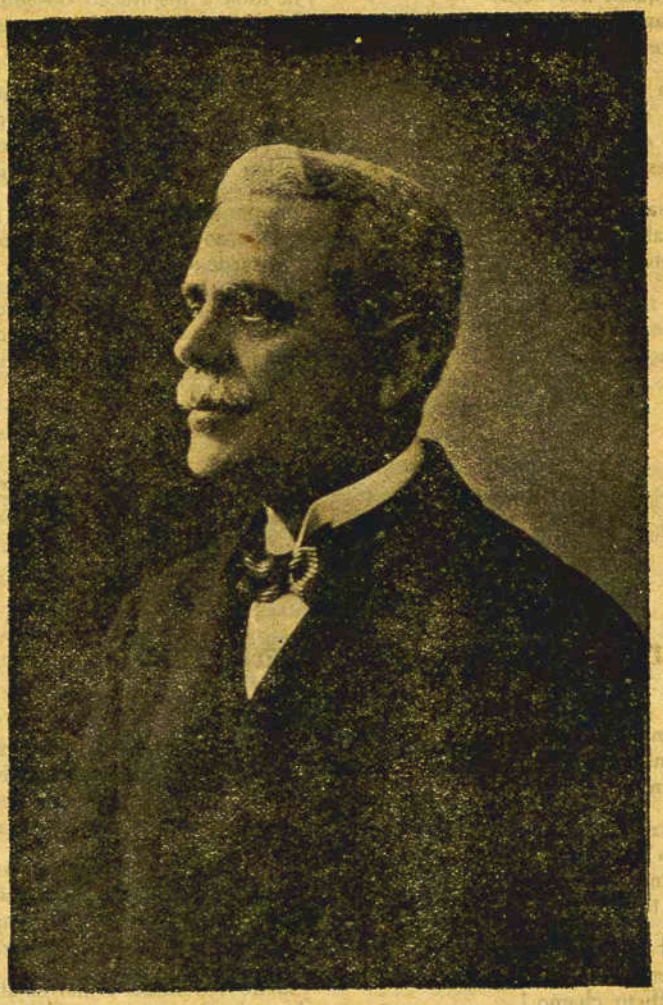
Junto della, amparando-a o Artista que a sentia
e poliu, sob o seu influxo, idéa e phrase.
E a obra-prima sorri, emfim, do ápice à base
—bloco de alma, expressão vital da Phantasia.

E apedrejam-na! Pois a figura do Mestre
não a preserva, não a guarda (tal si fôra
Christo à Adúltera), contra a ruim moral terrestre?!

A furia popular se acalma e se dissuade:
—Pois, si a Verdade expõe a nudez peccadora...
Quem se julgar mais puro, apedreje a Verdade!

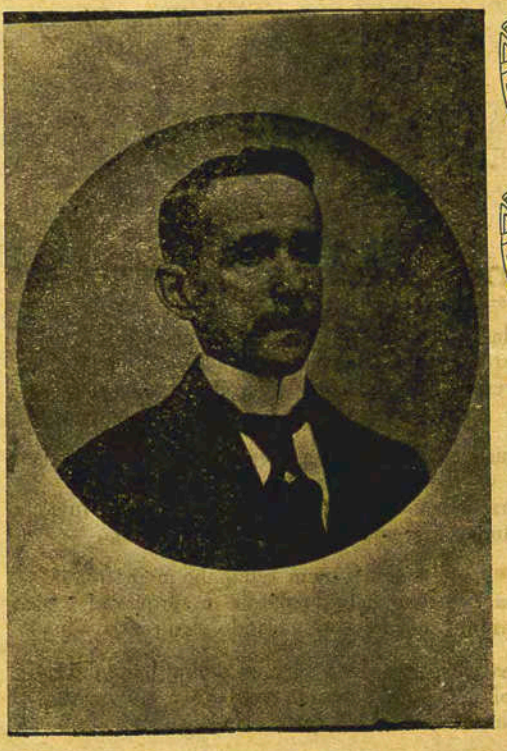
*Hermes Fontes.*

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina



DR. HERCILIO LUZ, GOVERNADOR DO ESTADO

Maj. João Carvalho, superintendente



Dr. José Boiteux, secr. do Interior e Justiça.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

## O novo governo

Desde 28 de Setembro, deixou o general Felippe Schmidt as funcções de governador do Estado. S. ex. póde gabar-se de que bem serviu sua terra, durante o memoravel quadriennio, ora extincto. Seu periodo governamental foi dos mais brilhantes da Republica, assignalando-se por obras notaveis, a que seu nome ficará ligado imperecedouramente.

Com o general Schmidt, deixa a administração do Estado o dr. Fulvio Aducci, que foi o principal collaborador de seu governo, tendo-se revelado intelligente e habil servidor da causa publica. Seu nome recommenda-se, hoje, a novos póstos de responsabilidade.

*

Eleito vice-governador, num instante excepcional da vida democratica do Estado, quando todos reclamavam seu nome para o supremo pôsto, assume o governo, por desistencia de seu eminente companheiro de chapa, — o dr. Hercilio Luz.

Ha grandes e fundadas esperanças no periodo de governo que s. ex. inicia.

Querido de seus patricios, ligado ás mais bellas tradições politicas de sua terra, experimentado em longos dias de lutas, viajado e culto, o novo governador está preparado para realizar uma administração modelar.

Seu secretario do Interior e Justiça é um moço illustre: foi um dos mais distinctos estudantes da velha e gloriosa Academia de S. Paulo e é dos mais brilhantes typos da moderna geração. Deixando o elevado pôsto de chefe de secção no Itamaraty, para assumir suas novas funcções em sua terra natal, o dr. Adolfo Konder présta-lhe grande serviço, o que o tórna credor de sua maior estima.

*Oasis* rejubila-se com o ascenção do benemérito catharinense, dr. Hercilio Luz, ao governo do Estado. Os que aqui trabalham viveram muito tempo desse sonho, que ora é uma radiante realidade.

---

Para o homem que sabe tirar proveito da lição, o ser vencido alguma vez tambem se transforma numa força.

*C. Wagner*

## Barreiros Filho

Transcorreu a 28 de Setembro o anniversario natalicio de Barreiros Filho, lente de português e literatura da Escola Normal e nosso fulgurante redactor.

Para todos os que o apreciam, foi de festas essa data. E como deixaria de o ser, si B. Filho já se impôs aos seus contemporaneos como homem de caracter e artista de merito?

Shelley, em versos admiraveis que a condessa de Noailles trasladou a francês, fala da convivencia com homens superiores, assemelhando-a ao uso de certas flores: estas, pômo-las ao peito e ellas, com o subtil do seu perfume, nos impregnam a roupa; aquelles se insinuam delicamente no nosso espirito, saturando-o de lés a lés. Póde dizer-se isso de B. Filho. Quem já uma vez privou com elle ou apenas o conversou, jamais o esquecerá. O seu palestrar é suggestivo, movimentado, colorido e brilhante, e a phrase que exprime acção ou violencia, elle a não pronuncia sem a fazer seguir do agil e alado complemento de gesto expressivo e revelador. Serve-se de um vocabulario tão simples quão variado, e, ás vezes, quando quer lançar o termo technico, apparentemente esquipatico, elle o faz com timidez, invadido pelo receio de parecer escandaloso, ou... não se ter feito entender á gagosa.

Como escriptor, B. Filho é um purista impeccavel, não no sentido estreito e *escolastico* do termo, mas numa accepção mais moderna, mais liberal, mais artistica, si assim nos fôr licito qualificá-la. Conhecendo magistralmente a opulencia da lingua portuguesa e de bom grado se prestando a defendê-la contra as *razzias* dos literatelhos francêsmente engallispados, busca escrever os seus sonoros e extraordinarios periodos numa prosa que, sem o rancido do seiscentismo, exclue tambem a desnacionalização do vocabulario e da syntaxe, — o que equivale a dizer que o genio da lingua fica nos seus escriptos resguardado de todo contagio estrangeiro, apenas se permittindo as irrecusaveis alterações decorrentes da fatal evolução a que se não pódem furtar os idiomas.

Quanto ao estilo, basta-nos ler *Os dias* para vermos que admiravel pintor é elle, como a sua penna dispõe das mais variadas côres para delinear aquelles quadros cheios de luz e vida, e tão trabalhados que se diriam pacientes estudos de chromatica. O lavor dessas paginas deve ter sido um puro martyrio intellectual. Si B. Filho tem escripto tão pouco, elle que tão refinada sensibilidade tem para perceber, nas suas diversas modalidades, a belleza do mundo objectivo, não é sinão porque o trabalho artistico o excita e exhausta.

Na sua prosa não ha vocabulo que se possa cancellar sem que o conjuncto da pintura se ressinta; todas as palavras têm côr e expressão emotiva. A sobriedade dos seus melhores trechos dir-se-ia ter sido bebida em *Par les champs et par les grèves*, e alguns delles estão como que saturados da esquisita finura e fremente nervosidade das *Lettres de mon moulin*.

Entretanto, o avassalador desejo de attingir a plenitude da expressão, de modo que a fórma alcançada seja a unica realmente artistica, muita vez o tem sobreexcitado até o desanimo. E' um insatisfeito, como quase todos os lidimos artistas.

Dahi, pois, acharmos perfeitamente explicavel que, ao escrevermos as ultimas linhas, nos occorram estas palavras de Bourget acerca de Gustavo Flaubert: «*Noble et fier défaut après tout, car il dérive du plus magnifique des tourments qu'il soit donné à l'homme d'èprouver:—le mal de la perfection.*»

---

Os homens conservadores quando falam de moral esquecem que isso não passa de uma atmosphera illusoria d'outra civilisação, a dos indios botocudos, o que elles fazem é supremamente immoral.

*João do Rio*

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

# O RETRATO

A' cabeceira do meu leito, por entre flôres perfumosas que o incensam e os pensamentos meus que o emmolduram, está o retrato de minha doce amada.

Tão meiga e tão formosa!

Um perfeito typo de santa, guindada aos altares da adoração!

Paira no seu meigo olhar a nostalgia mystica de horas ditosas, a suave evocação de scismadores luares.

Contemplo-o, contemplo-o cada vez mais e, ás subitas, ao meu olhar deslumbrado, preso aos seus olhos acariciadores, ella se destaca do retrato.

Toma proporções extraordinarias, como uma visão illuminada.

Approxima-se mais e mais... Estende-me a mãosinha delicada, envolve-me nas suas adoraveis caricias e leva-me pela lactescencia dos castos desejos e dos frementes anceios de pulverisações de luzes...

Ando errante, horas e horas, na aza doirada de um sonho bom, por entre risos ameigantes e flores desfolhadas, ouvindo uma harmonia extranha, dolente como uma harpa que tangesse solitariamente endeixas de funda saudade.

Entrelaçados, como ternos apaixonados, percorremos, á sós, a risonha estrada dos nossos sonhares descuidosos de moços, escutando promessas enganosas...

Depois.... despérto e encontro-me estirado no leito, á cuja cabeceira, por entre flôres perfumosas que o incensam e os pensamentos meus que o emmolduram, fica o retrato de minha doce amada.

*O. R.*

# Frivolidades

Na residencia de um dos mais queridos advogados do nosso fôro observamos no decorrer duma magnifica *soireé* familiar, o *flirt* entre a linda filha da cidade do Rio Grande, que se acha á passeio na nossa capital, e um dos redactores, se não nos enganamos, do novel jornal que se publica aqui.

Ella estava sentada na cadeira de balanço, languida, tristonha e incomprehensivel, e elle, ao seu lado, muito nervoso e descançando o olhar sobre as delicadas linhas do seu sympathico rosto.

Uma animada palestra abrilhantava o idyllio...

Notamos, porém, que a modesta "gaúchita" estava um pouco contrariada. Uma visivel melancholia alterava de quando em vez os admiraveis traços da sua bella physionomia.

*Mlle.* certamente não se achava tão satisfeita como naquella deliciosa noite, em fins de Agosto, no Hotel Metropol, quando assistiu ao pequeno concerto organisado pelo estimado cel. Z...

Naquella occasião *Mlle.* deixou captivar-se pelos bellos assumptos de Arte e Sentimento, que davam áquella reunião intima um tom altamente artistico.

Estes coloridos assumptos prenderam-na por tal modo, tanto que lhe rebentou a alegria pelos olhos ao ouvir os harmoniosos acordes da "Adoração", habilmente executada pelo auctor e cuja melodia abalou profundamente a alma de *Mlle.*

E quando havia terminado o encantador saráu musical e *Mlle.* já se achava acomodada no automovel que a devia levar á casa, não podendo conter-se mais, deu livre expansão a sua franca alegria, exclamando: Que noite feliz!

E estas tres singelas palavras ficaram certamente gravadas para sempre no espirito delicado do inspirado compositor da "Belmira".

*
* *

Um dos *habitués* das partidas de bilhar do Concordia, aquelle robusto moço que, segundo as *mauvaises langues*, irá assumir o cargo de presidente duma certa sociedade "meio absolutamente" que um grupo de foliões prentende fundar na Praia de Fóra, apaixonou-se doidamente pela engraçadinha creatura da Rua Esteves Junior. Apezar de ser a filha mais velha duma numerosa familia, a "gentil" senhorinha não deixa de ser muito moça ainda para que possa inspirar uma tão ardente paixão.

O interessante deste amor é que elle foi a origem daquella estupenda discussão sobre a variedade do amor realizada numa agitada noite nos salões do querido club da Praça Quinze...

Quem diria que até o famoso ex-footballer já se dedica ao passa-tempo que ora está muito em moda na nossa cidade e para o qual não achamos outro qualificativo a não ser o "desmamar creanças".

*
* *

*Elle* entrega-se a ardentes phantasias que lhe pintam volupias de mulher apaixonada. Completamente fascinado, vive ora sob a impressão de um criminoso amor, que lhe rouba o socego d'alma e a tranquillidade do espirito. E, sonhando, espera o dia em que verá esse seu ideal realizado:

"E o encanto da noite que vem cahindo
Penso em ti, nos meus loucos sonhos crassos
De adormecer sorrindo nos teus braços!"

E assim, no seu insubordinavel esquecimento, procura emoções sensuaes que exercem uma estimulante influencia sobre o seu actual estado, moralmente fallando.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

*Ella* é a jovem senhorinha do olhar fascinador que fielmente revela o fogo que lhe arde no coração.

Se não nos falha a desconfiança *Ella* soffre do mesmo mal.

A força electiva os faz buscarem-se. Schopenhauer, aquelle insuportavel Schopenhauer, diria: E' a lei formidanda do equilibrio, que os attrahe, e que os prende. E aquellas duas almas não fugirão á attracção reciproca.

O oraculo á quem «*Elle*» consultou já o provém, e aquella sua predilecção pelas duas flores, o cravo vermelho e a violeta, tem a sua solução.

As duas flores representam dois amores, aliás bem diversos entre si. O cravo vermelho significa a paixão voraz de que acabamos de fallar. A violeta é o amor platanico de que não fallaremos aqui.

Que o primeiro não venha acompanhado de explosões fataes é que desejamos ao robusto moço, cujo formoso corpo causa inveja a muitos dos nossos athletas, e á linda senhorinha, cujos olhares fogosos e sorrisos meigos revolucionam alguns dos nossos conquistadores.

STUART HOLMES

## Araujo Figueiredo

Na remançosa paz do seu larario, entre os que o cercam com a mais sagrada das affeições, — as affeições de familia, — festejou Araujo Figueiredo o seu anniversario a 27 de Setembro.

Cá fóra, no torvelinho da vida, tambem echoou o rumor dessa alegria, igualmente grata a nosoutros, seus amigos e admiradores.

Pelas suas brilhantes qualidades de coração, Araujo Figueiredo conta entre os seus conterraneos com a mais segura estima. Como poeta, autor daquelles harmoniosos versos do *Asceterio*, — livro donde se expande uma suave melancolia de sol pôr, — o seu renome se dilatou aos quatro cantos do país.

Já agora não nos furtaremos á opportunidade de lançar aos que se interessam por estas coisa, a noticia de que Araujo Figueiredo vai publicar em breve outro livro de versos, que, com certeza, como o primeiro, será uma delicia e novo attestado dos seus dotes artisticos.

*Horas Mariannas* é o titulo desse adoravel livro.

# Emilio de Menezes

Nós que sentimos tanto, nós que soffremos tanto com a morte do consagrado poeta paranaense Emilio de Menezes, não poderiamos deixar passar desapercebido o seu fallecimento sem um gésto de saudade, sem um grito de dôr...

Para rendermos esse preito de saudade, vamos publicar no proximo numero uma pagina consagrada ao querido poèta morto, com um primoroso soneto inédito do subtil poéta conterraneo João Crespo, nosso redactor litterario, que a pedido dos seus collegas de redacção, prometteu escrever.

E assim renderemos, num gesto de saudade e num grito dôr, homenagem ao filho querido do glorioso Estado do Paraná.

## Sobre o tumulo de uma mãe

Se alguem comprehende a magua que te opprime
Não n'a comprehende mais do que a comprehendo.
Magua que o pranto, ás vezes, não n'a exprime
Mas que num riso, ás vezes, se está vendo!...

Deixa, porém, que paire a alma sublime
Daquella santa sobre o mundo horrendo!
Que ella te ampare contra o mal e o crime,
Ao teu futuro bençãos estendendo.

Vejo-te a rir, amigo, mas no brilho
Do teu olhar eu leio todo o inferno
Do teu celeste coração de filho!

Ri commigo! Eu tambem num riso eterno
Sigo da vida o doloroso trilho,
Sem o gûia immortal do amôr materno!

EMILIO DE MENEZES.

## A' VOLTA DA PRIMAVERA.

Printemps, baiser d'amour!... Sazão da côr bemdita!...
Arde a explosão da Luz e Flóra, sem recato,
Dos seios nús roreja o orvalho feito extracto
Que o cadaver do tronco, em brótos, resuscita!

Hortas, campos, jardins revestem-se de fruto:
—Em cada flôr aberta uma alma nova habita
E a volupia subtil que o tenro estame excita
E' vida para o insecto e aroma para o olfacto!

Assim, como em noivado, ha luxo nos matizes...
Andam por toda parte as seduções vermelhas:
—Dos desejos da Carne á seiva das raizes—

—Gloria de uns seios nús, de luas em crescente,
Onde os meus labios, Flôr! andassem, como abelhas,
Sugando as illusões da quadra mais ardente!

JOÃO CRESPO.

## João Crespo

E' com a mais viva sinceridade, é com o maior prazer que felicitamos ao nosso querido companheiro de redacção João Crespo, pela honrosa distincção que acaba de ser alvo, pela magnifica escolha do seu nome para official de gabinete de uma das Secretarias do Estado.

Ao nosso illustre collaborador dr. José Boiteux, felicitamos com toda a alma, por ter escolhido para seu futuro auxiliar, o fino, o talentoso e subtil poéta catharinense João Crespo.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

# Um caso de amôr

Eulalia, que estivera no jardim toda aquela manhã, cuidando das suas flôres, reentrava em casa com um grande ramo de cravos apertado contra o seio, quando apercebeu no alto da escada, entre a folhagem crespa da trepadeira que guarnecia a porta, o vulto de seu marido.

Subindo lentamente os degraus, exclamou:

— Julguei que ainda não tinha vindo!

—Cheguei agora mesmo — replicou ele.

— Viu o advogado?

— Vi... — E depois de um instante de silencio, como ela se detivera, fitando-o com um olhar interrogador, acrescentou em voz incerta: — Ficou tudo combinado. A'manhã ou depois será apresentado o requerimento...

— Ah! Bem.

Tratava-se do seu divorcio, da derrocada definitiva de um lar construido um ano antes com as mais seguras garantias de felicidade — e comtudo não havia nas suas palavras brandas, quasi amigaveis, o menor indicio da divergencia que os desunia.

Eulalia e Agostinho mal se conheciam quando um dia, condescendendo com a vontade dos paes, trocaram as primeiras promessas de noivos. Ambos ricos, sem compromissos sentimentaes, não crendo o amor indispensavel á vida conjugal, aceitaram-se sem entusiasmo nem repugnancia, com a leviandade d'aqueles para quem a existencia nunca teve as amarguras que geram o anceio da felicidade. Ela tinha vinte e quatro anos e a beleza um pouco fria das mulheres do norte. Esbelta, com flexibilidades de planta, a sua cabeça era como uma flôr d'oiro emergindo de uma esguia anfora de tanagra. Os olhos azues, pouco luminosos, como os olhos de certas crianças, lembravam dois pequenos céus esperando o sol que os devia alvorecer. Agostinho, que completava então trinta anos, interessou-se nos primeiros dias de noivado por essa linda creatura que ia pertencer-lhe sem o amar. Tendo consumido em amores de acaso os melhores anos da sua mocidade, sensibilizara-o, pelo contraste, essa figurinha de virgem loira, em cujo encanto havia a frescura e a suavidade d' uma aguarela. Mas, apenas casado, não percebendo que era necessario revelar essa mulher a si propria, sentiu iludido o seu interesse, e bem cedo regressou ás aventuras faceis da sua vida de celibatario rico, com a mesma regularidade de outr' ora. A amizade superficial que aligeirara os seus breves coloquios de noivos, foi assim esfriando lentamente — e o tenue laço da sua intimidade de tal modo se afrouxou que, volvidos alguns mezes, apenas se encontravam, por decoro domestico, á hora das refeições ou em alguma fortuita reunião familiar. Nunca entre eles se trocára o «tu» amoravel e confidente, que em labios de amantes é doce como um beijo; no seu tratamento, como na polidez com que se repeliam, havia o artificio com que a vaidade burgueza tanta vez deforma o carater d'aqueles que pretende educar. Esta existencia ilogica e enervante fatigou-os afinal; e uma noite, como Agostinho, findo o jantar, esboçava o habitual cumprimento de despedida, Eulalia deteve-o com uma pergunta:

—Tem muita pressa?

Surpreso, elle fitou-a um instante, demorando a resposta:

—Não. Deseja alguma coisa de mim?

—Preciso falar-lhe... E' necessario que resolvamos...

A sua voz hesitante traia o embaraço que muitas vezes precede as grandes decisões. Ele atalhou, curvando-se:

Estou ás suas ordens.

Em silencio, impressionados pelas palavras que iam trocar, passaram a um gabinete contiguo. Era uma saleta oblonga, de tonalidades roseas, onde Eulalia vivia habitualmente os monotonos dias da sua existencia incompleta. Agostinho, que nunca ali entrava, sentiu-se perturbado por um indefinivel constrangimento — e foi talvez para melhor o dissimular que, apenas cerrada a porta, se apressou a perguntar:

—Que é, afinal, o que tem a dizer-me?

—E' simples—começou Eulalia, a voz ainda pouco firme. — A nossa vida, como sabe, é uma mentira que todos os dias se repete com uma regularidade que parece inconsciencia...

Apezar de nos haverem casado, somos dois estranhos que se incommodam...

—Oh, eu nunca disse... —protestou ele.

Eulalia cortou-lhe a frase, com impaciencia:

—Por Deus, meu amigo, falemos um instante sem disfarces. Certo, nunca nenhum de nós repeliu o outro com uma palavra de tedio; mas dentro de nós esse tedio existe, sempre que nos achamos juntos.

—Oh, Eulalia!...

E' assim que é necessario falar, porque se trata de resolver uma situação atroz. Tenho pouco mais de vinte anos, meu amigo; ignoro ainda o que é a vida, mas sinto que isto não é vivér...

—Mas o que quer que eu faça?

—O senhor?... Nada. O mal é comum; a culpa é comum; ha portanto uma só solução...

—O divorcio?...

—Sim, o divorcio.

—Já mediu todo o alcance d'essa palavra, Eulalia?

—Deve confessar que me não tem faltado tempo para isso. De resto, consulte a sua razão, consulte o seu coração até; não devemos a nós mesmo uma resolução que nos dignifique? Casando-nos, julgamos que poderiamos atravessar a vida juntos, se não com amor ao menos com uma boa e serena amizade. Enganámo-nos. Que nos cumpre pois fazer?... Responda lealmente.

— Bem. Separar-nos-emos. A' manhã falarei a um advogado.

Houve um silencio. O olhar de Agostinho, alheado talvez na visão do passado, parecia ter abandonado os olhos que ele obstinadamente fixava nas flores de um tapete. Eulalia, abstraida tambem, talvez fatigada pelo esforço d'aquela resolução suprema, imobilizara-se egualmente em funda concentração. Foi ele quem primeiro despertou; e, vendo abandonada sobre uma almofada uma das mãos da sua mulher, onde brilhava ainda o anel do casamento, tomou-a com a delicadeza de quem levanta uma flôr caida, e murmurou:

—Não me queira mal, Eulalia!...

Ela retirou a mão com sobre-salto; depois, entreabrindo os labios a um sorriso triste:

—Certamente. Seremos sempre bons amigos.

Depois d'essa entrevista, a sua existencia comum tornou-se mais penosa ainda. As palavras que tinham trocado, apezar do pensamento de desamôr que as inspirara, haviam-nos aproximado um pouco; e uma inquietação singular, mesclada de curiosidade, substituiu a indiferença com que antes se encaravam.

Por esse tempo soube Eulalia que o marido tinha reatado, com imprudente publicidade, a sua antiga ligação com uma celebre atriz de opereta, e que havia motivos para se crêr iminente um escandalo provocado pelo despeito de certo concorrente prejudicado por essa imprevista reconsideração sentimental.

—E' preciso acabar com isto!— disse ela, de si para si, vexada pela malevola compaixão dos que lhe haviam levado a noticia.

Agostinho, interpelado bruscamente n'esse mesmo dia, forneceu-lhe confusos pormenores sobre a ação do divorcio, e assegurou-lhe que a sentença devia ser proferida dentro de uma semana.

—Mas eu ainda não fui chamada ao tribunal!— objectou ela.

Agostinho retorquiu apoz um momento de perplexidade.

— Como se trata de uma separação amigavel... De resto, deve lembrar-se que o advogado tem procuração para...

— Bem, bem! Com tanto que isso finde depressa!...

— Que impaciencia!... — E, como ela não respondesse, tornou: — Permita-me uma pergunta, Eulalia?

— Diga.

— Ama alguem?...

Ela considerou-o com assombro, quasi com indignação:

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

— Não. Ninguem! — E, instantes depois, sentindo sobre si o olhar d' ele, repetiu com mais força: — Ninguem!

Uma longa semana se passou, sem que a situação se modificasse. Eulalia, duvidando pela primeira vez da veracidade das informações do marido, prometia já a si propria averiguar-se em tal suspeita haveria alguma raiz de verdade, quando uma noite, altas horas, ouviu bater de leve á porta do seu quarto, e logo em seguida o seu nome anciosamente invocado:

— Eulalia! Eulalia!

Petrificada pela surpreza, empalideceu mortalmente. Era Agostinho!

— Eulalia! Eulalia! — repetiu a voz, fóra.

Instintivamente, Eulalia corrigiu em bruscos movimentos de alarme a desordem do vestuario intimo — e, no gesto com que repuxou sobre o seio mal velado a gola arrendada do roupão, havia o indignado pudor da mulher que se defende de um ultraje. Foi assim, n'um impeto de revolta, que avançou para a porta e perguntou duramente, sem a abrir:

— Quem é?

A voz de Agostinho tornou-se implorativa:

— Sou eu, Eulalia. Abra, peço-lhe! Preciso de falar-lhe urgentemente.

— A'amanhã!

— Impossivel! E' um caso urgente. A'amanhã será tarde.

Tinha fervôr de sinceridade, a suplica. Eulalia, um momento indecisa, abriu por fim a porta com resoluta altivez. Agostinho entrou. Acabava, sem duvida, de chegar de alguma festa galante, pois na lapela da sua casaca pendia ainda, amarfanhada talvez pelos braços efusivos de outras mulheres, uma linda gardenia.

— Desculpe-me!.. — balbuciou ele, entrando. — Ha um facto grave na minha vida... Necessito dizer-lhe...

Mas vendo que ela lhe tomava a passagem, hirta, silenciosa, o olhar agressivo, acrescentou:

— Não me receba assim, como a um inimigo, Eulalia. E' importante o que venho dizer-lhe...

Lentamente, sem uma palavra, ela afastou-se; depois, fechando a porta, disse com a severidade de um juiz:

— Escuto-o.

Agostinho respirou fortemente.

— Não a fatigo com rodeios — começou ele. — Eis o facto: dentro de algumas horas, ás sete da manhã, devo bater-me. Um estupido duelo á pistola com um adversario mais estupido ainda... Perder a vida, em taes circumstancias, é bem facil...

Eulalia empalideceu, mas não quebrou o obstinado mutismo com que o escutára. Ele, não vendo a luz da piedade que esperava surpreender no claro azul dos seus olhos, continuou:

— Não cuide que me assusta o perigo; o que me afflige é a situação em que este desastrado incidente nos encontra.

— A que se refere?

— Dentro de alguns minutos sairei d'aqui na incerteza de a tornar a vêr... Preciso pois de fazer-lhe uma confissão... Não quero que fique odiando a minha memoria, no caso de...

— Uma confissão?... E' inutil. As suas culpas de marido procedem do erro do nosso casamento. Perdôo-lh'as sinceramente.

— Não é d'isso que se trata, Eulalia. A confissão que pretendo fazer-lhe é bem mais grave. — E, aveludando a voz n'um murmurio de confidencia: — Escute... Ha um mez que a amo!

— A mim?! — e, n'este brado os labios de Eulalia espremeram todo o fel do desprezo que a enervava.

— Sim! — tornou ele, excitado. — Ha um mez que a amo e me dilacera o desespero de a perder. Como foi isto?... Não sei. Um castigo, talvez! Lembra-se d'aquela noite em que me propoz o nosso divorcio?...

Pois foi então, n'essa hora de intimidade, em que as nossas almas pela primeira vez se procuraram (para se apartarem, embora!) foi então que o seu encanto começou a perturbar-me. Eu desconhecia-a, Eulalia. Tendo-a a meu lado, nunca me lembrára de auscultar o seu coraçãosinho adormecido; no nosso casamento nunca a minha odiosa vaidade de homem mundano vira mais que um ato de elegante exibicionismo... Só n'essa noite, Eulalia, n'essa noite em que exigiu o nosso divorcio, foi que a senti pela primeira vez minha mulher! Não imagina que doloroso e delicioso despertar! E foi sómente n' esse instante, tambem, que tive a intuição de quanto a fizera sofrer.

Ela, sempre altiva, revoltou-se:

— Acaso me queixei?...

— Não; não se queixou. Mas nas suas palavras havia amargura, e na impaciencia da sua resolução o sobresalto de uma dôr que não dormia... Até a sua beleza a denunciava, Eulalia. Era a beleza da mulher que sofre!

O som falso de um meio-riso enervado interrompeu-o:

— O que o senhor imagina!...

— Comecei então a amal-a profundamente, humilhadamente. Algumas vezes busquei palavras para lh'o dizer; mas, sempre que nos encontravamos, as suas breves perguntas sobre o nosso divorcio, gelavam a esperança que me encorajava. Procurei então (nada lhe oculto, bem vê!) procurei então despertar o seu ciumé.

— O meu ciume?!

— Sim! Foi para isso, sómente para isso, que me lancei na desgraçada aventura que vae terminar com o duelo de àmanhã.

— O meu ciume!... — repetiu ela, com surda irritação.

— O seu ciume, sim! Porque eu esperava ainda reconquistal-a! E, escute ainda. Tudo quanto lhe disse àcerca do nosso divorcio, é falso!

— Oh!...

— Sim, falso! — repetiu, com veemencia. — Menti, menti sempre, porque me não resignava a idéa de perdel-a quando principiava a amal-a!

— Pois fez isso?!...

Eulalia agora considerava-o com assombro. Ele não respondeu; parecia extenuado. E, entre esses dois sêres que um destino caprichoso unira, passou então, como rio engrossado por uma tempestade, um longo e opressivo silencio. Por fim, com voz humilde, que a fadiga parecia diluir, Agostinho murmurou:

— Eis o que tinha a dizer-lhe, Eulalia... Perdôe-me. Eu menti-lhe porque a amava.

Depois, como nenhum gesto ou palavra perturbasse a imobilidade com que ela o escutava. Agostinho arrancou da algibeira um papel azulado-desdobrou-o lentamente — e, oferecendo-lh'o, acrescentou:

— Ahi tem a procuração que lhe fiz assinar, para melhor a iludir. Aceite-a... Se eu voltar vivo do duelo, entregue-a ao advogado e bem cedo obterá o divorcio que deseja; se o contrario suceder, nem esse incomodo lhe será necessario para rehaver a sua liberdade, pois uma bala certeira divorcia mais depressa e melhor que um juiz...

Foi atravez de um sorriso triste que estas palavras sairam da sua bôca. Eulalia, sempre silenciosa, tomou maquinalmente o papel. Tinha os olhos cravados no marido, mas o seu olhar, perdido certamente em algum remoto sonho, não acompanhava esse aparente esforço de atenção. De subito, uma luz nova cintilou no fundo das suas pupilas azues — e Agostinho, que a observava com inquietação, viu-a avançar para o toucador onde, entre alvas nuvens de rendas, um espelho repetia, no seu incerto palpitar, as chamas lanceoladas das velas de uma serpentina. Vagamente assustado, exclamou:

— Eulalia!

Mas já ela, tendo aproximado o papel de uma das velas, seguia com o olhar fascinado a clara e rutilante chama que d'ele vitoriosamnte jorrou.

— Eulalia! Eulalia! — repetiu Agostinho; mas no brado, d'esta vez, fremia uma esperança que vence.

Estendeu-lhe as mãos, n'um suave gesto de atração, ela avançou as suas. E assim, possuindo-se já mas ainda distantes, sondaram-se profundamente no humido olhar que trocaram.

— Que devo pensar, Eulalia... — perguntou ele, alvoroçado, atraindo-a mais.

Eulalia cedeu á pressão dos seus braços — e, poisando-lhe no peito, sobre o coração, a cabeça doirada, respondeu com um sorriso em que floria a primeira promessa de amor:

— Que sou tua mulher...

**D. João de Castro**

---

O primeiro caracter da verdadeira defesa a impersonalidade. Ella não é uma empresa em proveito de quem quer que seja. E' uma acção pela justiça.

*C. Wagner.*

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

# Pela Instrucção

## Do direito dos laicos em materia de educação moral

**Por Gabriel Compayré**

(*Traduzido especialmente para* O-asis *pelo nosso redactor e inspector escolar Altino Flores.*)

A obra do mestre ainda não está terminada quando houver cultivado e ornado o espirito de seus alumnos, quando os tiver munido do saber technico para os combates da vida. Tem elle o seu titulo de professor, é verdade, mas a confiança das familias lhe outorgou um cargo mais elevado ainda: fica sendo, por si mesmo e pelo seu logar na ordem social, o educador da nova geração.

Mais commodo lhe seria, seguramente, cingir-se estrictamente — suppondo que isso fôsse possivel — à sua tarefa profissional, ser simplesmente um professor de francês, historia ou mathematicas, não ultrapassar a superficie do espirito, não tocar no fundo vivo e intimo das crenças, não ser, em uma palavra, como se diz, sinão uma especie de «mestre-de-dança da intelligencia.»

Quer queira, quer não, porêm, pela propria natureza da sua funcção, pela incessante acção sôbre a alma das crianças que lhe foram confiadas, o professor assume necessariamente mais alta responsabilidade. Não só intervém por lições directas de moral, sinão tambem pelo espirito que se desprende de todo o ensino, intervêm ainda pelo exemplo na direcção moral de seus discipulos. E não hesito em dizer que consiste nisso o seu dever e o seu direito.

Sim, é com altivez que para os mestres laicos reivindicamos o titulo de educadores e moralistas. Para desempenhar esse augusto papel, não é necessario envergar as vestes sacerdotaes. Basta ser homem, — homem honesto.

Hão de perguntar-nos, com que direito ensinamos a moral... Ora! Com o direito que tem todo homem de bem, que ao mesmo tempo é professor, de communicar a seus alumnos aquillo em que precisamente consiste o seu mais precioso thesouro, as verdades moraes, de todas as mais essenciaes e importantes.

Ser-me-á preciso dizer que essa tarefa, com ser tão nobre, é outrosim a mais delicada? E' sobretudo nesse ponto que as intenções da Universidade são desconhecidas e suspeita a sua obra. Tratam-nos de usurpadores, de inimigos da religião, e na parolagem de certos partidos politicos a escola primaria se tornou escola sem Deus, desde o dia em que nella foi officialmente introduzida a moral.

Mereceriamos similhantes injurias si um instante nos houvessemos esquecido do respeito e da consideração para com a consciencia religiosa, para com a crença confessional dos nossos discipulos. Mas, é evidente para todo homem de boa fe, que, pretendendo ensinar a moral humana, a moral eterna, de modo algum pensamos em calcar aos pés os direitos dos paes ou dos ministros da religião. Defensores convencidos e apaixonados da sociedade moderna, sabemos bem quanto o governo digno desse nome deve respeitar as convicções religiosas. Nada mais acatavel que a consciencia infantil, consciencia nascente e ainda indecisa, presa facil offerecida a todas as doutrinas, que aos nossos ensinamentos se abre com a ingenua docilidade dos poucos annos e que de bom grado se deixaria moldar na fórma em que nos aprouvesse calcá-la! Essa consciencia, porêm, Deus nos guarde de tocá-la ou explorá-la, não sómente porque ella é todo um futuro de homem e tem os seus direitos proprios, mas tambem porque, si harto culpados fôssemos por querer desvia-la das suas aspirações naturaes, por trás della descobririamos a vontade dos paes, os direitos de familia, toda a herança das crenças tradicionaes.

Si ha ahi quem imagine que, ensinando a instrucção moral e civica em todos os graus do ensino publico, temos querido erguer altar contra altar, oppor o mestre ao sacerdote ou ao pastor, estabelecer não sei que concurrencia entre o manual e o catecismo, que temos querido, ao lado de cada templo ou igreja, installar uma escola de irreligião e de impiedade, de modo que ao sair da escola primaria a criança passasse indifferente ou trocista diante das portas da igreja ou do templo, esse alguem redondamente se engana, e nós protestamos contra as suas imputações com todas as forças das nossas consciencias de homens, de patriotas e de republicanos.

Apenas pensavamos que, como se tratava do interesse vital da nação, quer dizer, a moralização do povo, não fôssem de mais as boas vontades, os devotamentos, e que as lições de moral não perdessem toda a sua efficacia por não estarem revestidas do caracter ecclesiastico. Os laicos podem concorrer para isso. Quando assim houvermos tomado parte na tarefa commum, talvez que os nossos adversarios, em vez de nos maldizerem como taes, sejam mais equitativos e nos agradeçam como collaboradores.

Não esmoreçamos, entretanto. Continuaremos a chamar todas as crianças dos nossos collegios e escolas para esse terreno neutro do ensino da moral, onde se não ataca nenhuma religião, onde se prega a justiça, a caridade e a tolerancia, que é a caridade para com as idéas. Continuaremos a construir sobre esses solidos alicerces a cidade humana, deixando aos ministros da religião o cuidado de construir ao lado o que santo Agostinho chamava a Cidade de Deus.

# João Crespo

Por entre as manifestações de alegria, de seus parentes e amigos, passou a 7 de Setembro o anniversario natalicio de João Crespo, o inspirado poeta catharinense e nosso distincto redactor.

Cá pela terra barriga-verde os poetas não proliferam como nas ardentes zonas do norte brasilico. São raros, e João Crespo é um destes, estando outrosim talhado para prolongar o renome de Luis Delfino e Cruz e Souza, com que devéras se ufana o nosso pequenino Estado.

*Oasis*, que não é sinão o congraçamento dos novos espiritos artisticos e de todas as intelligencias que amam a nossa terra, cerca João Crespo da mais justificada estima, e é sempre com a mais sincera alegria que o vê, de vez em quando, lançar á publicidade esses sonetos de oiro, nos quaes tão intensamente palpita a sua alma de poeta.

# Virgilio Varzea

Está entre nós, desde o mês transacto, o escriptor conterraneo Virgilio Varzea, que veio tomar parte nos trabalhos do Congresso Estadual.

Penna diamantina, cuja maestria se ha bastamente revelado em diversos livros de prosa, dentre os quaes destacaremos *O George Marcial*, *O brigue flibusteiro*, *Nas ondas*, etc., Virgilio Varzea transplantou para a nossa já fecunda literatura, o *marinhismo* de Pierre Loti, o admiravel autor do *Roman d'un spahi*, e de outras extraordinarias composições que honram o moderno romance francês. Nessa transplantação, porêm, o festejado prosador catharinense, não se houve como um imitador servil, porque só tem procurado pintar as multiplas manifestações da vida social e maritima brasileira, taes como ellas são na sua propria idiosyncrasia nacional, inconfundivel.

E' com prazer que *Oasis* sauda o consagrado artista.

Não lamentamos demasiado os começos difficeis da existencia. O dia em que elles faltassem seria o começo do fim.

*C. Wagner*

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

## Cervejaria ATLANTICA S. A.
Curityba

A Atlantica é a cervejaria mais nova e a mais moderna do Brasil.

É a que tem a maior maltaria e por isso não tem necessidade de empregar materias nocivas a saude.

A cerveja Atlantica é fabricada exclusivamente com cevada puramente nacional.

Recommendamos as marcas "Atlantica", "Curitybana", "Kosmos" e a medicinal "Culmback"

Unico representante e depositario nesta capital.

*Julio dos Santos Cribari*

## Garantia da Amazonia

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

**Séde social: BELÉM DO PARÁ**

**Resumo da Posição Actual**

**Balanço de 1917**

| | |
|---|---|
| Sinistros pagos | 12.914:795$570 |
| Reservas technicas | 9.440:192$850 |
| Apolices resgatadas prematuramente | 3.066:405$870 |
| Apolices vencidas durante a vida dos associados | 4.249:300$970 |
| Apolices sorteadas | 1.242:750$000 |
| Pensões e Rendas Vitalicias | 129:340$000 |
| Reservas especiaes e sobras | 522:422$387 |
| Total de beneficios | 31.565:207$647 |

Departamento dos Estados do Sul

Avenida Rio Branco, 22—26

**Rio de Janeiro**

**(Predio Proprio)**

Para informações com Eduardo Horn, agente e banqueiro nesta cidade, á rua João Pinto n. 10.

## Heitor Blum

**Representações e commissões**

Caixa—Postal—61—End. tel LABOR

Praça 15 de Novembro, 1

SOBRADO

Agente do Lloyd Brasileiro

Representante da Companhia Mecanica e

Importadora de São Paulo

Saccaria e aniagens—Louça esmaltada—Fabricantes:—Machinas para lavoura e industrias—Parafusos, prégos, arruelas e rebites.

Importadores de material electrico e para estrada de ferro, etc., etc.

## A Economia Domestica

**Rua Conselheiro Mafra, 44**

ARMAZEM DE SECCOS E MOLHADOS

Oliveira Carvalho & Cia.

Sal, kerozene, Carne Secca, etc, etc.

**Caixa Postal 13**

**Teleg. OLICARVALHO**

**FLORIANOPOLIS**

Santa Catharina


Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

## Hotel Macedo

**Rua Conselheiro Mafra n. 26**

*Estabelecimento modernamente reformado, com dois andares deitando para o mar, dispondo de magnificos aposentos e vastos salões com profusa illuminação electrica*

**José L. de Macedo**

Santa Catharina — Florianopolis — Santa Catharina

## Banco Nacional do Commercio

ANTIGO BANCO DO COMMERCIO
DE PORTO ALEGRE
FUNDADO EM 1895

**Séde: PORTO ALEGRE**

Capital . . . . . 10.000:000$000
Reserva . . . . . 3.154:716$910

FILIAES em Florianopolis, Joinville, Laguna, Blumenau (Estado de S. Catharina) em Rio Grande, Pelotas, Santa Maria, Cachoeira, Cruz Alta e Ijuhy) Estado do Rio Grande do Sul
Agencia em Corumba (Matto Grosso)

### Secção de depositos populares

(Com autorisação do Governo Federal)

N'esta secção o BANCO recebe qualquer quantia, desde 50$000 até 5:000$000, pagando juros 5o|o ao anno, capitalisado no fim de cada semestre.
Retiradas até 1:000$000 podem ser feitas sem aviso.

**2—Praça 15 de Novembro—2**
(EDIFICIO PROPRIO)

**Caixa Postal, 122 — End. Teleg. BANMERCIO**

Codigos:—Brasileiro Universal, Ribeiro Two-in-one. A. B. C. 5, edd. e Lieber's.

Filial em Florianopolis Estado de Santa Catharina.

## André Wendhausen & C.

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Florianopolis—Filial em Lages—Sta. Catharina

Secção de fazendas, armarinho, miudezas, etc. —Secção de ferragens, machinas de toda a especie. instrumentos para lavoura, motores, etc. Secção da estivas, kerozene, gazolina.

**Deposito de carvão de pedra Cardiff e Americano**

AGENTES MARITIMOS

**Trapiche para atracação de vapores e navios com armazens para cargas**

**Correspondentes de diversos Bancos Nacionaes e Extrangeiros**

**Correspondentes do Banco de Napoli**

**Remessa para a Italia**

**Vendedores de Automoveis "OVERLAND"**

Tratam da cobrança de ordenados, contas nas repartições publicas, retiradas da Caixa Economica, juros de apolices e dividendos. Encarregam-se da acquisição de quaesquer materiaes para emprezas industriaes, redes de agua e esgottos, installações electricas, etc.

## Constantino Garofallis

Commissões, consignações e conta propria

Endereço telegraphico— **Garofallis**

**Florianopolis** **Santa Catharina**

| **Exportação de** | **Importação de** |
|---|---|
| Café, farinha de mandioca, arroz, batatas, feijão e outros productos do Estado. | Vinhos do Porto, conservas, xarque e sal. Especialista em farinhas de trigo. |

**Agente da empreza de Navegação "Cometa"**

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina